

DE TORNEIRO MECÂNICO A ARTESÃO HIPPIE

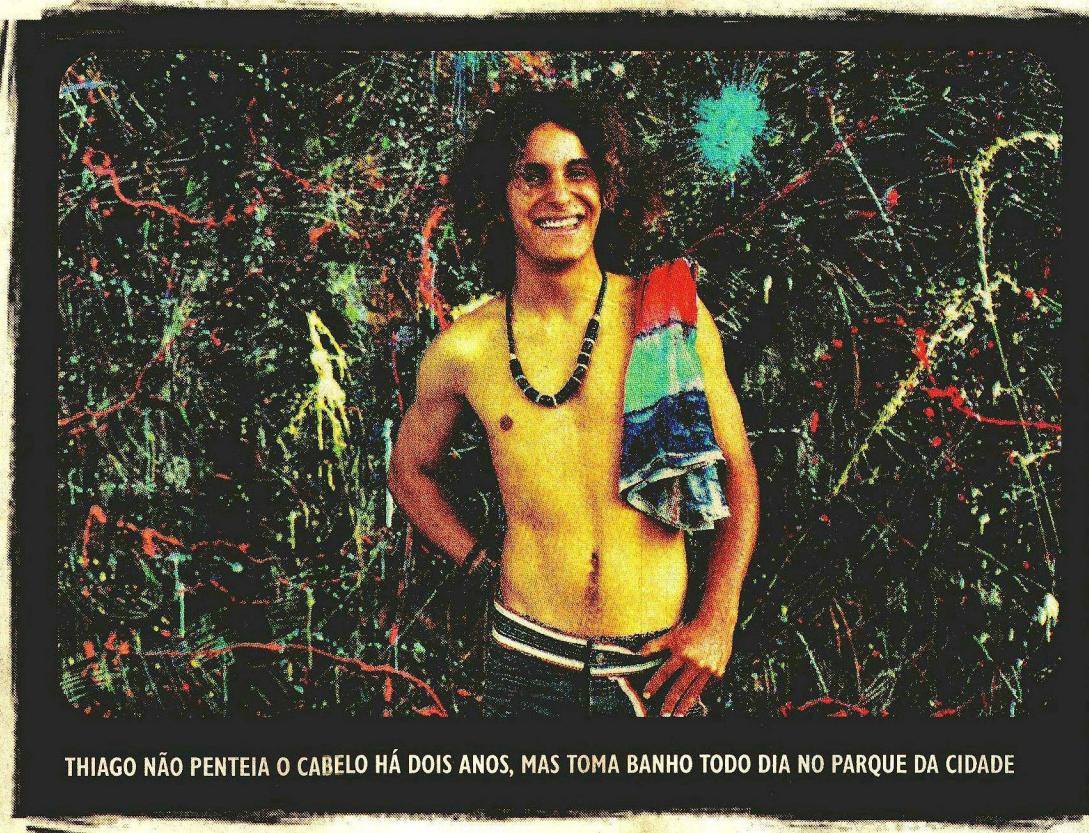
THIAGO Camolez, o jovem que quase esbarrou no vigilante Joãozinho na calçada da 707 Sul, nasceu há 21 anos em algum leito do Hospital de Base do Distrito Federal. Morou com os pais em Valparaíso, até quando a família resolveu se mudar para São Paulo — num distante 1992. Foi na capital paulista que ele terminou os estudos e trabalhou como torneiro mecânico.

Há dois anos, Thiago resolveu passar férias numa praia de Florianópolis. Entre uma marola e outra, conheceu uma turma bem diferente. Pediu as contas no emprego e virou *maluco-beleza*. A cabeleira não vê pente, escova ou tesoura desde então.

Thiago aprendeu a fazer brincos, colares e pulseiras com os amigos **HIPPIES**. Já vendeu artesanato de arame e durepoxi em São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul, Bahia e Piauí. Queria conhecer o Ceará, mas calhou de voltar a Brasília.

Está no Planalto Central há um mês, porque gosta daqui. "É uma capital organizada. Falam que a cidade é violenta, mas eu não acho. Violenta mesmo é São Paulo", compara. Tem vontade de morar na cidade onde nasceu, mas não sabe quando vem para ficar. Só sabe que não é desta vez.

A venda de adornos *hippies* assegura R\$ 10 por dia. Os anéis de madeira e as pulseiras de corda são os produtos que os brasilienses preferem. Mas Thiago também vende colares, brincos de pena e prendedores de cabelo. Na ponta do alicate, transforma arame galvanizado em obra de arte.



THIAGO NÃO PENTEIA O CABELO HÁ DOIS ANOS, MAS TOMA BANHO TODO DIA NO PARQUE DA CIDADE

Na capital federal, não pode vender apologia. Na gíria *hippie*, apologia é toda e qualquer peça de artesanato que possa fazer referência ou alusão à maconha. Nada de cachimbo de durepoxi. Muito menos piteira de osso. "A polícia daqui é bem repressiva. Mas geralmente é assim: quanto mais repressor o pessoal é, mais

alternativa a galera se torna", avisa.

Todas as tardes, Thiago deixa as bugigangas sob os cuidados do primo — cabeludo como ele — e sai para tomar banho no Parque da Cidade. Sim, porque *hippies* também se banham. Lavam os cabelos com xampu. A caminhada de ida e volta ao Parque da Cidade é

HIPPIES. Os points dos hippies em Brasília são a 109 Sul (leia-se Beirute), passarela do Conic e Feira da Torre. Lá, eles estendem seus paninhos lotados de badulaques. O artesanato — feito de ossos, sementes, pedrarias, alpaca e outros materiais alternativos — tem público consumidor certo: jovens universitários. Em geral, Brasília recebe os hippies de passagem para o nordeste ou sul do país. Mas aqui, eles não podem expor um dos itens mais procurados pelos consumidores: a marica, uma espécie de cachimbo usado para fumar maconha. Dá cadeia: vender o apetrecho é considerado apologia das drogas. A *cannabis sativa*, nome científico da maconha, lidera o ranking das drogas mais consumidas no Distrito Federal. "Embora o consumo de drogas no DF não seja alto, se comparado com outras capitais, a maconha está em todas as camadas sociais. É diferente, por exemplo, da cocaína, mais usada pela classe alta, e a merla, consumida pelos mais pobres", afirma o delegado Aluísio Gonçalves de Carvalho, da Delegacia de Tóxicos e Entorpecentes do DF. Só no ano passado, a delegacia de Aluísio apreendeu 300 quilos de maconha, 51 quilos de cocaína e 54 quilos de merla. Em todo o Brasil, foram 159 mil quilos de maconha apreendidos pela Polícia Federal.

longa, mas a ducha é de graça. Ele se refresca em um dos chuveirões que ficam perto do Quisque do Atleta.

Antes de voltar ao trabalho na calçada fria, Thiago entra no Espaço Cultural Renato Russo, na 508 Sul. A aridez de Brasília deixa qualquer um de boca seca. O *hippie* passa os olhos nuns quadros de cores berrantes e corre para o bebedouro. Atrás dele, outro jovem aguarda a vez de matar a sede.